

PASSOS CEGOS: A PERCEPÇÃO DOS CEGOS SOBRE E PELA CIDADE¹

Endrius Robert Lopes – UNIMEP/SP
Maria Inês Bacellar Monteiro – UNIMEP/SP

Resumo

Este texto tem como objetivo apresentar um estudo empírico desenvolvido com três pessoas cegas, com vistas a conhecer como elas percebem a cidade e como são percebidas na cidade. Para isso, realizamos o acompanhamento dos sujeitos em diferentes espaços públicos e privados durante o período de dois anos. Parte-se do pressuposto de que o sentido da visão é extremamente valorizado na sociedade ocidental, a tal ponto que é comum pensar que é necessário ver para conhecer e apreender o mundo. Questionamos essa ideia e procuramos, por meio de uma abordagem etnográfica, identificar outras formas de perceber e formar imagens sem o sentido visual. O estigma da incapacidade surge em diferentes momentos da pesquisa de campo, uma vez que aqueles que se relacionam com os sujeitos cegos, geralmente os veem a partir dos valores da sociedade atual, que coloca a visão como o sentido do conhecimento e, muitas vezes, suas ações revelam piedade frente a condição dos sujeitos cegos. Os cegos por sua vez demonstram dificuldade em modificar esta visão e muitas vezes acabam por assumir uma postura que a reforça. Nota-se que os demais sentidos: audição, tato, olfato, paladar permitem aos cegos um conhecimento peculiar das coisas e do mundo, que mostra a possibilidade de outras formas de conhecimento. Consideramos que entre a imagem e a realidade existem inúmeras possibilidades de significação e que a pessoa cega, por caminhos singulares, com referenciais próprios, narra sobre a cidade e seus espaços a partir dos sentidos que constrói em suas relações sociais.

Palavras Chave: Cegos. Etnografia. Pessoa com Deficiência.

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF. **Apoio:** FAPESP, Processo FAPESP: 2015/26214-2.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre a compreensão de como os cegos percebem e são percebidos pelo mundo a sua volta são importantes, pois permitem conhecer melhor como se dá a relação entre os cegos com o mundo e com os demais integrantes da sociedade, em sua maioria, videntes.

No estudo aqui apresentado partimos do pressuposto de que a cegueira é mais do que a falta de visão, uma vez que ela impõe obstáculos ao cego que vive em um mundo planejado/organizado por e para aqueles que veem. Um mundo de videntes, em que o sentido da visão é usado como um dos principais recursos para se relacionar com os outros e com as coisas. Uma escola de e para videntes em que os materiais e os modos de ensino têm a visão como principal porta de acesso.

Podemos dizer que o mundo é significado do ponto de vista do sujeito vidente, pois, mesmo quando o cego descreve para um vidente o mundo que percebe, parte de parâmetros usados pelas pessoas que enxergam. Conforme apontado por Nunes e Lomônaco (2010) a visão acaba por assumir um papel de centralidade, sendo considerada essencial, no desenvolvimento humano e sua ausência passa a ter uma magnitude muito maior do que realmente tem. Segundo os autores esse lugar ocupado pela visão reduz

[...] as possibilidades de entender o cego como ele realmente é, enfatiza suas limitações e não suas possibilidades. E isso, em um mundo de videntes, faz com que o deficiente visual seja ainda mais prejudicado (p. 61).

Além de termos um mundo delineado com base naqueles que enxergam, temos que considerar aquilo que Fabian (2013) chama de visualismo, ou seja, a tendência em acreditar que “ver” é “conhecer”, uma vez que a visão é considerada atualmente como o sentido do conhecimento e, a ciência assim como a produção de conhecimento, se edificam sobre o observável. Desta forma, existe a crença de que o acesso ao conhecido se dá, majoritariamente, através do sentido da visão que possui a capacidade de apreender os mais diversos símbolos visuoespaciais criados ao longo do tempo.

Ao nos interessarmos por conhecer como os cegos percebem e são percebidos em nossa sociedade, nossas primeiras indagações voltaram-se para compreender se para conhecer algo é preciso ver, uma vez que os objetos e eventos são conhecidos

principalmente por meio da visão. Perguntávamos também sobre o que é ver e se vemos apenas com os olhos.

No documentário “Janela da Alma”, dos diretores brasileiros Joaquim Jardim e Walter Carvalho, produzido em 2001, o cineasta Win Wenders diz: “*Creio que vemos em parte com os olhos, mas não exclusivamente*”. E o neurologista Oliver Sacks complementa:

O ato de ver e de olhar, não se limita a olhar para fora, não se limita a olhar o visível, mas também o invisível. De certa forma é o que chamamos de imaginação [...] O que vemos é constantemente modificado por nosso conhecimento, nossos anseios, nossos desejos, nossas emoções, pela cultura, pelas teorias mais recentes... (JANELA DA ALMA, 2001).

Considerando estes depoimentos perguntamos: Como é para o cego conhecer o mundo e seus objetos e eventos? Esse questionamento orientou nossos encontros com os sujeitos de nossa pesquisa em meio à cidade.

Antes de apresentar nossos dados empíricos é importante apontar algumas considerações sobre a percepção do mundo pelo cego, fruto de estudos de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema do desenvolvimento e das relações sociais de pessoas cegas.

Vigotski (1997) em seus estudos sobre as pessoas com deficiência afirma que a cegueira é capaz de criar uma nova formação da personalidade, uma vez que atua ao nível da psiquê. A cegueira traz consigo uma força, uma possibilidade de superação da deficiência. Para o autor:

A cegueira, ao criar uma formação peculiar da personalidade, reanima novas forças, altera as direções normais das funções e, de uma forma criadora e orgânica, refaz e forma a psiquê da pessoa. Portanto, a cegueira não é somente um defeito, uma debilidade, senão também, em certo sentido, uma fonte de manifestação das capacidades, uma força [por estranho e paradoxal que seja!] (VIGOTSKI, 1997, p 74).

O autor ressalta que a educação de uma criança cega deve considerar a lei genética geral de desenvolvimento humano que vale para todas as crianças, ou seja, a importância da cultura e da vida social para a internalização dos signos. Para ele: [...] toda função entra em cena duas vezes, em dois planos, primeiro no plano social e depois

no psicológico, ao princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica (VIGOTSKI,1995, p. 150).

O que precisa ser diferente são os caminhos utilizados para garantir o acesso ao conhecimento. Conforme apontado por Vigotski (1997) a possibilidade de superação das dificuldades advindas da deficiência está na compensação sócio-psicológica, que não ocorre automaticamente, mas sim na dependência das experiências propiciadas pelo grupo social. Por isso, considera que:

[...] a “supercompensação” é apenas o ponto extremo de um dos possíveis desenlaces desse processo, um dos pólos desse desenvolvimento complicado pelo defeito. O outro pólo é o fracasso da compensação, o refugiar-se na doença, na neurose, a completa associabilidade de atitude psicológica. (VIGOTSKI, 1997, p. 48-49).

No relato de experiência “O que percebemos quando não vemos” publicado na *Fractal: Revista de Psicologia* (2009), Joana Belarmino de Sousa, autora cega congênita, afirma que para perceber o inatingível, o impalpável, o cego “... depende crucialmente daquilo que a semiótica chama de sistemas de corporificação de coisas em texto” (SOUSA, 2009, p. 184).

A autora explica que esses sistemas são “... a literatura, a arte, a comunicação. É através da literatura que eu vejo corporificado em texto o pôr-do-sol, o céu estrelado, a beleza de um arco-íris” (SOUSA, 2009, p. 184).

Como diz Vigotski (1997) não se pode ignorar a natureza sócio-psicológica que permite ao cego, por meio da experiência dos videntes, mediante a linguagem, vencer a cegueira. Isto, além de mostrar a possibilidade da compensação da falta de visão, indica que “O que decide o destino da personalidade, em última instância, não é o defeito em si, mas suas consequências sociais, sua realização sócio-psicológica” (VIGOTSKI, 1997, p. 44).

Sacks (2010), em seu livro “O Olhar da Mente”, nos traz relatos de casos em que seus pacientes apresentaram anomalias visuais, de forma a não mais conseguirem desempenhar, com normalidade, o exercício de se ver “com os olhos”, através do sentido da visão. Em meio a seus relatos, o autor defende a capacidade que o nosso cérebro tem em se modificar frente a privações sensoriais, ou seja, defende a plasticidade cerebral. Segundo ele, estudos apontam que, em cegos congênitos, ou mesmo pessoas com cegueira adquirida em baixa idade, identificam a capacidade do cérebro em

realocar algumas áreas responsáveis pela visão para campos usados para o processamento de sons e para o processamento tátil.

Um dos exemplos usados por Sacks (2010) é o do pesquisador Geerat Vermeij. Vermeij, cego desde os dois anos de idade, se dedicou a conchiliologia, o estudo das conchas dos moluscos. Através de sua percepção tátil apurada, o pesquisador conseguiu distinguir pequenas variações em conchas de moluscos, na forma e no contorno. Graças a capacidade de identificar estes pequenos detalhes, Vermeij identificou novas espécies de moluscos, os vendo com suas mãos.

Sacks (2010) deixa claro que não se trata de mera compensação biológica, mas concordando com Vigotski, afirma que ocorre uma nova forma de reorganização, uma nova forma de ser humano, denominada de compensação sociopsicológica por este. Neste sentido, as ideias de Sacks corroboram com as ideias de Vigotski (1997).

No campo da antropologia simétrica Moraes (2008) relata uma experiência singular de um garoto de 12 anos, que tinha acabado de perder a visão e precisava interpretar um palhaço de mola, que salta de uma caixa quando se abre a tampa, para uma peça de teatro. Ele não sabia como funcionava uma mola, nunca havia visto uma quando tinha a visão. Também, não sabia definir muito bem o que era um palhaço. Então a pesquisadora, juntamente com seu grupo, resolvem levar diferentes molas e palhaços de molas para o garoto e para os demais participantes da peça. O menino toca a mola, se mostra curioso e faz comentários sobre ver e não ver:

O menino tocava as molas, puxava-as e com as mãos observava os efeitos que seu toque produzia na mola e dizia: “cego é muito curioso”. Ele também observava os palhaços, mas nestes as molas estavam ocultas, cobertas pelas roupas do boneco. Guiando-se pelo tato o menino dizia: “com este eu ‘vejo’ melhor a mola, porque ‘vejo’ como o palhaço balança, como ele mexe depois de sair da caixa”. E virando-se para uma de nós da pesquisa concluía: “Com este palhaço você é que fica cega não é? Porque você não ‘vê’ a mola e não sabe ‘ver’ com a mão”. (MORAES, 2008, p. 45).

Ao longo dos encontros o menino foi incorporando o personagem, decidiu que seu palhaço teria uma mola grande. Seu corpo passava a se movimentar como uma mola, no início eram movimentos tímidos que não tomavam toda a extensão do corpo. Com mais prática e incentivo do coletivo, seu corpo todo foi dominado pelo movimento da mola e seu personagem palhaço de mola pode nascer. Esse processo não fez nascer

um palhaço que nós, videntes, já conhecemos, “O palhaço que o menino criou era único, singular, não generalizável” (MORAES, 2008, p. 46).

Porto (2005) procurou explorar um pouco mais o mundo dos cegos. A partir do contato com deficientes visuais através da dança ela questiona como os cegos percebem o mundo e se inter-relacionam com o mundo dos videntes. Suas colocações mostram que a percepção do cego em relação ao mundo é singular, como seria a de qualquer outra pessoa, deficiente ou não. A diferença é que o elemento essencialmente visual não faz parte do campo perceptual do cego. O que é “invisível aos olhos do cego não é invisível à sua sensibilidade, intencionalidade e interioridade” (p.25)

A autora atribui um grande valor ao corpo. Para ela, todos os humanos são presença no mundo, e essa presença se dá pela corporeidade.

[...] corpo é vida, é movimento e é sentimento, de certa forma, independentemente de sua condição física, social, cultural e política. O corpo ... é quem permite ao ser humano estar presente ... vivendo todas as situações ... que possam surgir; corpo é ser no mundo. (PORTO, p.22, 2005).

Considerando a particularidade da representação do mundo pelo cego, Von der Weid (2017) afirma que os cegos compartilham do mesmo mundo dos videntes, entretanto, por não terem acesso ao referencial visual, suas formas de significação de mundo, e de presença no mesmo, é feita com base em referenciais próprios, possibilitados e criados pelo “não-ver”.

Olhos que não enxergam transformam o corpo de quem não enxerga, as propriedades e os usos que se confere aos objetos na vida de quem não enxerga, os sentidos que atribuem ao mundo. Pessoas cegas são socializadas na mesma língua que pessoas que enxergam, compartilham valores, mas fazem muitas coisas de outro jeito. Desenvolvem um sistema de signos, uma semiótica humana, que é ao mesmo tempo e irrevogavelmente cultural e biológica. Mesmo que não seja uma língua propriamente dita, a cegueira é uma outra ordem sensorial, uma forma de estar no mundo com seus próprios sistemas de signo e representação (VON DER WEID, p. 152, 2017).

Ao se dedicar a estudar o *estigma* a partir de relatos de pessoas que o vivenciam em seu cotidiano, Goffman (1988) cita especificamente as pessoas cegas e os comportamentos dos outros diante das mesmas.

Alguns podem hesitar em tocar ou guiar o cego, enquanto que outros generalizam a deficiência de visão sob a forma de uma

gestalt de incapacidade, de tal modo que o indivíduo grita com o cego como se ele fosse surdo ou tenta erguê-lo como se ele fosse aleijado. Aqueles que estão diante de um cego podem ter uma gama enorme de crenças ligadas ao estereótipo. Por exemplo, podem pensar que estão sujeitos a um tipo único de avaliação, supondo que o indivíduo cego recorre a canais específicos de informação não disponíveis para os outros (p. 15).

O autor ainda relata que diante de atividades usuais, que muitas vezes são realizadas facilmente e com segurança por pessoas cegas, os videntes demonstram “... o mesmo tipo de admiração inspirado por um mágico que tira coelhos de cartolas (p. 24), como se estes atos fossem surpreendentes.

Assim, os cegos, identificados pelos videntes a partir de crenças e estereótipos historicamente construídos, vivem o estigma de uma sociedade que os exclui.

No entanto, conforme apontado por Rillo e Eckert (2002), os cegos produzem uma imagem da cidade em que vivem com formas diferenciadas que abrangem desde os demais sentidos até as relações sociais mantidas pelos indivíduos.

A imagem da cidade não é privada aos que tem visão... Os deficientes visuais possuem uma imagem da cidade onde moram, o que os diferencia é que constroem uma imagem da cidade sem vê-la, mas através dos demais sentidos como o tato e a audição que singularizam sua forma de apropriar-se da cidade (RILLO e ECKERT, 2002, p. 1).

Essa imagem construída a partir de outros referenciais que não a visão é o que nos interessou conhecer acompanhando os trajetos de três pessoas cegas, com vistas a conhecer como elas percebem a cidade e como são percebidas na cidade.

O objetivo do estudo foi refletir sobre diferentes narrativas da cidade e dos seus espaços sociais, identificando como as imagens dos trajetos e das diferentes situações vivenciadas são construídas nas relações do pesquisador com três pessoas cegas. Parte-se do pressuposto de que o sentido da visão é extremamente valorizado na sociedade ocidental, a tal ponto que é comum pensar que é necessário ver para conhecer e apreender o mundo. A visão acabou ganhando grande valorização histórica como o sentido do conhecimento, pois pela visão se dá a apreensão e a constatação de fatos empíricos. Questionamos essa ideia e procuramos, por meio de uma abordagem etnográfica, identificar outras formas de perceber, formar imagens e conhecer e apreender o mundo sem o sentido visual.

DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica concedida pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo² no período de abril de 2016 à fevereiro de 2018 na qual foram acompanhados, em seus deslocamentos pela cidade, três jovens, cujos nomes fictícios utilizados neste artigo são: Estela, Paloma e Joaquim.

Estela é uma jovem de 38 anos, formada em Pedagogia e com Mestrado em Educação. Cega congênita e adotada aos três anos por uma família de classe média, foi sempre incentivada a estudar. Ingressou em 2016 no Programa de Pós Graduação em Educação de uma universidade particular do interior do Estado de São Paulo com vistas a obter o título de Doutora em Educação. Foi acompanhada de abril de 2016 a janeiro de 2017.

Passos guiados

*O encontro com Estela foi meu primeiro contato pessoal com uma pessoa cega. Em abril de 2016 recebi a proposta de **ser auxiliar de pesquisa de uma Doutoranda cega**, e paralelamente pesquisar sobre a cegueira. Eu aceitei de imediato. Considerei que seria uma boa experiência, que aprenderia muito com isso. A pesquisa de Estela tinha como objetivo discutir sobre os riscos de “desbrailização” de alunos cegos, frente às condições oferecidas hoje pela escola e nas atuais políticas de educação inclusiva. O trabalho empírico previa que ela acompanhasse alunos cegos na escola pública. Meu papel era acompanhá-la em seus deslocamentos pela cidade e no interior da escola.*

No primeiro dia combinamos por telefone um horário para nos encontrarmos no Terminal Rodoviário. Ela, bem como minha orientadora, haviam me alertado de que eu deveria ser pontual. Eu cheguei cinco minutos antes do esperado e Estela cinco minutos depois.

*Ando de um lado para o outro no terminal de ônibus central de Piracicaba a procura de Estela. Como vou encontrá-la em meio a tanta gente? Fui apresentado à Estela por minha orientadora, mas quase não conversei com ela. Marcamos encontro no terminal. O que fazer? Estendo ao máximo minha visão. Estou ansioso por sua chegada. Olho no relógio, ela está atrasada. Ufa! Finalmente a vejo. Ela atrasou alguns minutos e eu estava aflito. Eu imaginava que os cegos usavam bengalas, mas não sabia como andavam sozinhos. **Ela veio sozinha**. Já tinha visto de longe alguns cegos caminhando em minha cidade, mas como fazer para guiá-la?*

*Eu me aproximo e a cumprimento. Ela logo **me reconhece e me ensina como se guia uma pessoa cega, me posicionando a frente e ao lado dela, oferecendo-lhe o antebraço para que ela possa segurar e sentir por onde ando e por onde ela deve andar**. Vamos conversando, caminhando em direção à escola campo de Estela. Não sei exatamente aonde é a escola. Tenho o endereço, mas nunca fui até lá. Me confundo e preciso pedir informações a outras pessoas para chegar até lá. Conversamos durante todo o percurso sobre assuntos diversos, tais como*

² Agradecemos o apoio da FAPESP pela bolsa de Iniciação Científica, essencial para o desenvolvimento deste trabalho – processo: 2015/26214-2.

*sobre o que vamos encontrar na escola, sobre minha graduação, sobre a pesquisa dela, etc O fato de Estela não ver me leva a imaginar que eu devo guia-la. Procurei ir informando por onde passávamos, as irregularidades do caminho, se devia subir ou descer para atravessar as ruas. Procurei ser o mais detalhista possível, descrevendo aquilo que via no caminho, para indicar direções e referências por onde estávamos passando. Quase ao mesmo tempo em que avisto o prédio da escola Estela me diz: **Deve estar próximo**. Impressionado pergunto: Como você percebeu isso? E ela me diz que ouviu o barulho das crianças brincando, correndo e conversando. Só então me dei conta que havia um “zum zum zum” próprio de um ambiente escolar. Enquanto eu percebi a aproximação da escola a partir da visão do prédio com as características de uma arquitetura escolar, ela identificou a proximidade pelos sons característicos, que eu mal prestei atenção (Diário de campo abril, 2016).*

O relato acima, extraído do diário de campo do pesquisador, após o primeiro encontro com Estela, abre a possibilidade de iniciar uma reflexão sobre a ideia de que é preciso “ver para conhecer”. O pesquisador, apoiado na valorização histórica da visão em detrimento dos demais sentidos, vai a campo imaginando-se como aquele que deve guiar os passos de Estela e se surpreende nos diferentes momentos do trajeto do terminal até a escola. Durante a pesquisa de campo, “... pesquisador e pesquisada passam por um processo mútuo de conhecimento, que vai redefinindo as identidades de um em relação ao outro” (KUSCHNIR, p. 54, 2007). Tal como apontado por Von der Weid (2017) os cegos dividem o mesmo mundo conosco, entretanto, suas formas de percebê-lo e de se fazerem presentes, acabam por serem distintas pelo fato de não terem acesso ao sentido da visão.

Ao mesmo tempo em que participam da mesma vida social que eu ou você participamos e percorrem até os mesmos trajetos, a percebem de outra maneira, os marcos significativos dos seus caminhos são outros, as paisagens são outras (VON DER WEID, p. 131, 2017).

Quem guia quem no trajeto terminal-escola? O pesquisador informa detalhadamente as características do trajeto: irregularidades, direções, obstáculos e outras referências visuais. Estela, por sua vez orienta-se por estas comunicações e outras informações do ambiente, que lhe são proporcionadas pelos outros sentidos, tais como, “O vento, a temperatura, os barulhos existentes, o cheiro, a mudança de piso, enfim, uma série de informações que o corpo percebe, [...] servirão de orientação espacial para um cego estar presente no mundo” (PORTO, 2005, p. 55).

Ao escutar os comentários de Estela o pesquisador se espanta e passa a ficar atento aos outros sentidos. A percepção do mundo se modifica. Quem guiava agora é guiado e uma complexa rede de significações vai se constituindo.

Paloma e Joaquim são casados e moram sozinhos em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Foram incorporados na pesquisa depois que num programa de rádio Paloma apresentou um relato sobre sua vida. Paloma contou que era cega e que morava sozinha com o marido, também cego. Relatou ainda que frequentava uma instituição na cidade, o Instituto do Cego (IDC), o que lhe auxiliava muito. Foi a partir daí que a convidamos a participar da pesquisa.

Joaquim é cego há 10 anos e Paloma é cega congênita. Foram acompanhados no período de março a agosto de 2017.

Ao caminhar pela cidade com Paloma e Joaquim muitos carros nos davam passagem, mesmo com o sinal aberto para o tráfego de veículos e fechado para a passagem de pedestres. Isso provavelmente ocorre pois o IDC se localiza muito próximo ao terminal da cidade e pelas redondezas, nas quais andei com eles, a maioria das pessoas sabe que existem pessoas cegas circulando por perto. [...] Eles fazem uso de farmácias, supermercados e cabeleireira que se localizam no bairro aonde moram. Como os funcionários de estabelecimentos localizados nas redondezas estão acostumados com a presença de Paloma e Joaquim as interações revelam uma familiaridade com os códigos e valores do outro que se fizeram lentamente por meio da interação e da convivência. Vale ressaltar que Joaquim mora no mesmo bairro há muitos anos, até mesmo quando possuía a visão. Todos já o conhecem e acabaram conhecendo Paloma, que reside lá há cerca de nove anos (Diário de Campo, maio 2017).

A grande circulação de cegos na região provoca mudanças na estrutura física do bairro, bem como na postura atitudinal das outras pessoas em relação aos cegos.

Von der Weid (2015) já apontou algo semelhante em seu estudo sobre a locomoção de pessoas deficientes visuais no bairro da Urca, nos arredores do Instituto Benjamim Constant, na cidade do Rio de Janeiro. Segundo a autora, a constante circulação de deficientes visuais, por conta da presença do Instituto, faz com que adaptações físicas sejam realizadas, como sinais sonoros, e também faz com que os costumes dos transeuntes seja mais favorável às condições da pessoa cega. No caso de Paloma e Joaquim os carros costumam dar passagem ao vê-los passar. Nota-se a mesma reorganização física e atitudinal colocada por Von Der Wied (2015), nas proximidades da residência do casal.

O olhar dos outros

O estigma da incapacidade está atrelado aos cegos, mesmo eles apresentando boa independência (GOFFMAN, 1988).

Uma supervisora da Diretoria de Ensino vai até a sala em que Estela está trabalhando com um aluno cego. Eu estou também ali para ajudar quando ela pede. A supervisora se dirige primeiramente a mim para conversar, acredita que eu sou o professor da sala. Eu explico que estou apenas auxiliando Estela, que faço graduação em Psicologia e que Estela é a pesquisadora que está fazendo doutorado em educação, que ela é a professora. A supervisora se desculpa, diz que acabou menosprezando Estela e passa a conversar com ela. Mesmo assim, algumas vezes em meio as conversas, ela ainda se dirigia a mim, principalmente com o olhar (Agosto, 2016).

Eu acompanhava Estela duas vezes por semana até a escola em que ela desenvolvia sua pesquisa, mas em certo dia precisei me atrasar e ela me disse que iria sozinha. Nos encontraríamos depois, lá na escola. Eu cheguei quando ela já estava lá. Ao encontrar com a coordenadora esta comenta surpresa “Ela chegou e bateu aqui na porta, sozinha! Levei um susto!” (Outubro, 2016).

Paloma e Joaquim vão a uma loja comprar uma tesoura para cortar cabelo. Somos atendidos, por uma funcionária. Ela vem em minha direção e eu aponto que é o casal que precisa de atendimento. Então ela diz olhando para mim: “do que eles precisam?” Paloma logo toma a fala e diz de sua necessidade, uma tesoura para cortar cabelo que não possua ponta. A funcionária a escuta, porém volta a se dirigir a mim, dizendo que irá procurar uma outra funcionária que conseguirá verificar com maior facilidade se o produto existe na loja. Essa outra funcionária volta e novamente faz contato comigo, me mostrando os produtos disponíveis e como eles não são, necessariamente, o que Paloma procurava. Paloma faz algumas perguntas, constata que o produto não irá lhe servir e saímos da loja (Agosto, 2017).

Outro dia, ao me despedir de Paloma e Joaquim e amigos do casal, também cegos, observo de longe o grupo caminhando do outro lado da calçada. Um homem passa a meu lado e comenta comigo “Que dom! Isso é um dom!” Se referindo ao casal e seus colegas cegos caminhando “Muita gente tem as pernas boas, a visão boa e não faz isso.” (Novembro, 2017).

Ser cego está historicamente relacionado à imagem de alguém dependente, que precisa dos cuidados do outro (CASTRO e MAIA, 2009; GOFFMAN, 1988). Talvez por isso seja tão difícil identificar Estela como a professora, pesquisadora que sabe o que está fazendo e não precisa de alguns cuidados que às vezes são oferecidos a ela. O estigma da incapacidade também dificulta o reconhecimento de Estela como alguém independente, que pode ir e vir pelos espaços independentemente. Conforme apontado por Porto (2005).

Entendo essa herança sociocultural como um processo histórico que se desencadeou na Antiguidade e ainda continua ativo, trazendo consigo conceitos e “pré-conceitos” que incitam a ver o cego e as demais pessoas deficientes, na maioria das vezes, na perspectiva qualitativa da inferioridade e da negação para toda e

qualquer ação possível de ser realizada por eles (PORTO, 2005).

Veiga (1983) relata que a cegueira é a deficiência que mais desperta a caridade dos demais, entretanto, essa grande onda de caridade não trás benefícios para os cegos. A bondade piedosa se transforma em uma ferramenta de exclusão.

Se considerarmos que a constituição pessoal e a imagem que temos de nós mesmos se fazem a partir de como os outros nos veem, podemos supor que Estela também pode ter dificuldades de se sentir capaz de se locomover com independência. Pode não ter aprendido a circular independentemente com segurança e quando demonstra insegurança desperta nas outras pessoas a ideia de incapacidade. É um círculo vicioso, que pode inclusive levar a uma avaliação de inaptidão generalizada. Isso pode ser um dos fatores que estão impedindo os funcionários e professores da escola a identifica-la como pesquisadora.

Com Paloma e Joaquim não é diferente, embora o casal demonstre maior independência para se locomover, a identificação da cegueira pelas funcionarias da loja e pelo caminhante que os observa, converte-se em uma falta de credibilidade nas possibilidades dos mesmos. As funcionárias dirigem-se ao pesquisador, que os acompanha e que enxerga, como se Paloma e Joaquim não pudessem compreender o que elas diziam. O comentário do caminhante, por sua vez, revela a dificuldade de situar devidamente as possibilidades de uma pessoa cega. O cego é subestimado ou sobrestimado, “ ... quase nunca, porém, devidamente situado, dentro de suas possibilidades e limitações. Nisso reside justamente a maior agrura da cegueira. (VEIGA, 1983, p. xiv)

Goffman (1988) afirma que quando um estigma é identificado com facilidade, causa certo desagrado no estigmatizado por se sentir exposto. Tal sensação aumenta porque as pessoas se sentem livres para conversar e expor sua opinião sobre a condição do estigmatizado, sem nenhum pudor ou senso crítico.

Novaes (2009) e Von Der Weid (2017) trazem elementos que nos ajudam a pensar como a visão é um sentido importante para a nossa sociedade. Ver é extremamente valorizado na sociedade Ocidental, está relacionado à capacidade de observação, importante para o desenvolvimento e para a produção da ciência, e também é um sentido relacionado ao conhecimento, porque acredita-se que o conhecimento está atrelado majoritariamente à visão. De todos os sentidos, o ver tem um destaque e é

privilegiado em detrimento dos demais. Podemos dizer que seria um sentido “guia” para o saber e para o se movimentar. Não ter a visão acarreta, automaticamente, não ter acesso à capacidade de observação visual e, conseqüentemente, a uma queda de intelectualidade, que poderia ser melhor definida como incapacidade de realizar tarefas que exigem conhecimentos científicos. Logo, a “perda” de tantos fatores, interligados a perda da visão, leva a pensar que aquele que não vê é alguém menos capaz.

É possível notar que a forma como os cegos são vistos, em um primeiro momento, é perpassada por estigmatizações que produzem uma imagem subestimada ou superestimada em relação à figura real da pessoa cega (GOFFMAN, 1988; VEIGA, 1983).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo foi refletir sobre diferentes narrativas da cidade e dos seus espaços sociais, identificando como as imagens dos trajetos e das diferentes situações vivenciadas são construídas nas relações do pesquisador com três pessoas cegas.

Muito se fala sobre o alto desenvolvimento do tato e da audição no cego e, obviamente, vem a se acreditar que estes sentidos, “superdesenvolvidos” são os responsáveis por possibilitarem o conhecimento e o contato com o mundo na ausência da visão. Os sentidos citados são importantes, e se desenvolvem em muitos casos, entretanto, mais do que os sentidos são usados para a criação de tais referências, a forma de ser e estar nos locais faz com que a percepção extrapole os sentidos e ganhe um caráter mais amplo, que envolve tanto o meio social como o corpo, o ser e a psique no processo de ampliação do conhecimento e apropriação do mundo.

A visão é considerada uma espécie de sentido “guia” para se conhecer o mundo, para se localizar, para conhecer, para saber. É o sentido com maior valor no mundo Ocidental, recebendo privilégios em detrimento dos demais sentidos. Por isso, o não ver pode ser considerado limitante. Apesar disso, a ausência da visão não deve ser encarada como a representação da limitação, pois, os demais sentidos se interconectam e se desenvolvem, por meio do contato cultural, possibilitando a criação de novas formas de ser e estar. Não devemos nos focar em limites, mas sim em possibilidades reais, na possibilidade, de Estela concluir um doutorado, na possibilidade de Paloma cuidar da casa e na possibilidade de Joaquim explorar a cidade sozinho. Na possibilidade, de

todos, dentro de suas limitações individuais, adquirirem e conquistarem autonomia, como qualquer outro ser humano.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Carlos Gomes de; MAIA, Laís Jabace. Escarafunchando mundos e construindo espaços: uma etnografia do olhar. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 5, 2009. Disponível em <<http://pontourbe.revues.org/1525>> Acesso em: 28 Jul. 2016

FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Ed. 4ª Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1988. 158 p.

JANELA DA ALMA. Direção: João Henrique Jardim; Walter Carvalho, Brasil, 2001, Documentário, 73 min.

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da política**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007

MORAES, Marcia. A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa e intervenção em psicologia social: uma oficina de expressão corporal com jovens deficientes visuais. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 20, n. spe, p. 41-49, 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400007&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000400007>.

NOVAES, Sylvia C. Imagem e ciências sociais: Trajetória de uma relação difícil. Em: Barbosa, Andréa/ Cunha, Edgar/ Hikiji, Rose (Org.) **Imagem-Conhecimento**. São Paulo: Papirus Editora, 2009, p. 35-59.

NUNES, Sylvia; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 55-64.

PORTO, Eline. **A Corporeidade do Cego: Novos olhares**. Piracicaba, São Paulo. Editora Unimep / Memmon, 2005, 128p.

RILLO, Sandro Belloli e ECKRT, Cornelia. A cidade e os seus riscos: O Viver de deficientes visuais em Porto Alegre. **Revista Iluminuras**, v. 3, n. 6, p 21, 2002.

SACKS, Oliver. O olhar da mente. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2010.

SOUSA, Joana Belarmino de. O que percebemos quando não vemos? *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 1, p. 179-184, Jan./Abr. 2009.

VEIGA, J. E. **O que é ser Cego**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983

VYGOTSKI, Lev S. Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores. Em: Lev S. Vygotski. Obras Escogidas. Tomo III. Madri: Visor/MEC, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia.** Em: Obras completas. Tomo V. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997, p. 74 - 87.

VON DER WEID, Olivia. " A Urca é o paraíso dos cegos": mobilidade urbana, acesso à cidade e territorialização. **ILUMINURAS**, v. 16, n. 37, p. 65-96, 2015

VON DER WEID, Olivia. **Provincializar a visão:** esboços para uma abordagem metodológica. *Teoria e Cultura*, v. 11, n. 3, 2017.